ANO I — N.º 79 PREÇO, 2 CENTAVOS Quarta feira, 14 de Maio de 1919

REDACTOR PRINCIPAL
Alexandre Vieira
EDITOR
Joaquim Cardoso

Propriedade da União Operária Nacional
(Formulário da lei que regula a liberdade de Imprensa)
— Oficinas de impressão — R. da Atalaia, 134 —
Redacção e administração — Calçada do Combro, 38-A, 2.º
Lisboa — PORTUGAL
End. telegr. *Talhaba — Lisboa* • Telefone: 6

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

As despezas da guerra

E' questão liquidada. A Alemanha não pagará as dívidas que os Estados seus adversários fizeram com a guerra. E não pagará porque não tem com que pagar. Assim o decidiram os representantes das grandes potências. A Inglaterra, a França, a Itália e o Japão, obteem compensações territoriais, outro tanto sucedendo a alguns dos pequenos países, nomeadamente a Sérvia, a Roménia e a Bélgica, que terá como compensação uma parte da colonia alemã da Africa Oriental. Nós fomos mais uma vez *comidos*, como era de supor.

* * *

Segundo as notas publicadas oficialmente, as despesas da guerra ascendem, para nós, a 500.000 contos que, ao juro de 6 por cento, trazem um novo encargo de 30.000 contos para pagamento de juros e amortização da dívida pública: A dívida pública portuguesa absorvia já 43 por cento das receitas públicas.

Ora o orçamento de receitas ordinárias é normalmente de 75.000 contos. Logo, 43 por cento da receita são 32.250 contos a que, juntos os 30.000 contos da dívida nova, prefaz a soma de 62.250 contos.

Ficam-nos, pois, líquidos dos encargos da dívida pública, 12.750 contos, com que temos de fazer face a todas as despezas de administração pública, fomento, funcionalismo civil e militar, higiene, assistência, etc., etc.

Ante a perspectiva dêste quadro aterrador bradou na Conferência da Paz o dr. Afonso Costa:

«*Portugal acha-se, depois da guerra, verdadeiramente arruinado.*

.....

O que hei de dizer aos meus compatriotas quando regressar ao meu país?»

Tem que dizer-lhes que fez tolice e nada mais.

* * *

A história da nossa participação na guerra resume-se no seguinte:

A Inglaterra, com o pretexto da invasão da Bélgica, declarou guerra à Alemanha. Na qualidade de país aliado, Portugal ratificou, a 7 de Agosto de 1914, a secular aliança que mantinha com aquele país. Alegando a qualidade de país aliado, a Inglaterra, nos meados de 1916, solicitou do nosso govêrno a requisição dos navios de países beligerantes fundeados nos nossos portos, e, não se conformando com essa posse, a Alemanha declarou guerra a Portugal. Foi nessa altura que entrámos num estado de franca beligerância, pois quê, de facto, já antes disso se combatia em Africa os alemães, já tínhamos fornecido armas, canhões e munições aos aliados e os inglêses dispunham dos nossos portos quando lhes eram convenientes.

Era fatal que tínhamos de entrar na guerra, mas bem podiam os governos dêste desgraçado país, esforçar-se no sentido de que a nossa participação no conflito europeu não fosse além do auxílio e cooperação conformes aos nossos recursos, como pretendia um dos mais argutos chefes políticos, o dr. Brito Camacho.

Pois não, senhores. Solicitou-se dos aliados, especialmente da Inglaterra, a permissão de combatermos em França e lá fômos, inconscientemente, como carneiros que vão para o matadouro.

Portugal podia ter ganhado com a guerra, mas pela inépcia, pelo exibicionismo dos seus governantes, sai da guerra arruinado. Bem fez a Hespanha. De país comercialmente deficitário passou a ser país exportador, e a sua moeda, que era das mais depreciadas, valorizou-se extraordináriamente.

Tínhamos à nossa disposição, nos portos do continente, das ilhas e das colónias, uma consideravel frota mercante. E em vez de nos lançarmos abertamente no comércio activo, que não oferecia então riscos de perda, entregámos a maior parte da tonelagem apreendida à Inglaterra e à França. Os géneros coloniais, especialmente o milho e o açúcar, deterioravam-se nos entrepôstos das alfândegas, enquanto a população metropolitana se privava dêles ou os pagava por excessivos preços. Mobilizaram-se 60:000 homens e centenares de solípedes, emquanto a terra se quedava improdutiva por falta de braços e animais de tracção. E lá se foram no sorvedouro da guerra 500:000 contos. Nem tanto era preciso para completar a nossa rêde de estradas e de vias ferreas; para facilitar créditos a juro módico à lavoura; para executar os trabalhos de irrigação estudados; para aproveitar a energia eléctrica e dar impulso às indústrias electro-químicas e electro-metalúrgicas, bem como a muitas outras; para tentar o ensaio de novas culturas e colonizar o Alentejo; emfim, para criar abastança onde não há senão penúria. 500:000 contos! Como êles chegariam para isto tudo e ainda para desenvolver em bases novas a instrução elementar e profissional, tão descuidadas e converter Angola no nosso melhor mercado abastecedor de materias primas para as nossas indústrias e consumidor dos nossos productos fabris e agrícolas.

Não quizeram assim. E agora achamos bem que sejam condecorados todos os que concorreram para êste estado de ruina suprema em que nos encontramos.

Os Sovietes Alemães

Os Conselhos de Operários e Soldados ou Sovietes alemães não são bem... Sovietes. Isto é, não são o mesmo que os organismos similares da Rússia, divergindo na maneira como são eleitos e compostos, na extensão e fôrça das suas atribuições e, naturalmente, no espírito que os anima.

Iremos explicando aos nossos leitores, aos poucos, essas diferenças, assim como a opinião que, sôbre a sua natureza e funções defendem os diversos partidos alemães.

Por hoje, à maneira de aperitivo, falaremos dum artigo que a extremista Clara Zetkin publicou o mês passado sôbre a questão, no *Spartacus*, de Essen.

A conhecida militante socialista resume em três fórmulas definidas as correntes que, com grande variedade de matizes, se manifestam na República Alemã:

—«*Todo o poder aos Conselhos*, é a solução dos que querem a sério a emancipação dos trabalhadores por meio do socialismo». São os espartaquistas.

«*Nenhum poder aos Conselhos*, é o que ruge o côro dos lucradores e defensores do capitalismo homicida».

—«*Algum poder aos Conselhos e a omnipitência aos parlamentos e ministérios do Estado das classes capitalistas*, é o que sussurram e piam os morcegos socialistas que, nem ratos nem aves, se deixam ficar na penumbra e pendem tanto para o lado da minoria exploradora como para o da maioria explorada, pretendendo figurar como profetas de uma era nova de reconciliação e harmonia das classes, de «vida constitucional» na oficina e na política».

«Mas a reivindicação crescente das massas: *O poder todo aos Conselhos de operários!* actua como um bacilo de fermentação e de clarificação».

Protecção aos menores

criada a Inspecção Geral dos Menores desamparados e delinqüentes

Foi assinado um decreto criando no novo ministério da justiça uma inspecção geral dos menores desamparados e delinqüentes, destinada a inspeccionar os serviços que não sejam de naturesa económica, relativos às instituições que tratam dos menores naquelas condições. Segundo o referido diploma o govêrno fica autorizado a decretar a criação de patronatos dos menores destinados a protegê-los quando em liberdade e junto à inspecção é criada a assistência a menores desamparados e delinqüentes, destinada à repressão do crime, vadiagem, mendicidade, prostituição e a exercer vigilância dos delinqüentes postos em "liberdade vigiada". As comissões de patronato serão constituidas por 1 médico, 1 secretário, 2 assistentes a menores do sexo feminino, 4 do sexo masculino e 6 agentes auxiliares. Também é autorizado o govêrno a decretar a reorganização das tutorias centrais da infância de Lisboa, Pôrto e Coimbra e respectivos refúgios, e a criar e a organizar estabelecimentos de assistência a menores; a reorganizar os existentes e a criar e organizar escolas de preparação para o pessoal educativo.

POLÍTICA ESPANHOLA

Contra a acção revolucionária

MADRID, 12.—O general Aguilera, ex-ministro da guerra e senador, actualmente capitão-general de Castela, separando-se do partido liberal democrático, escreveu ao marquês de Alhucemas, indicando-lhe a necessidade de reorganizar os dois grandes partidos, o liberal e o conservador, a fim de se opôr uma barreira à acção revolucionária anarquista. No caso contrario tornar-se-hia indispensavel a intervenção, sob a forma legal, dos elementos militares.

A carta acrescenta ser inexacto que a ultima crise ministerial ou qualquer das precedentes fôsse provocada ou sustentada pelos militares.—H.

NAS CANÁRIAS

Grande tremor de terra

LAS PALMAS, 12.—Houve um tremor de terra na ilha Fuerte Ventura, em conseqüência do qual acabam de falecer 4 operários. Os abalos e os ruidos subterrâneos continuam e a população foge para as outras ilhas, especialmente para a Grande Canária, onde a sua chegada aumenta o mal estar da crise alimenticia, principalmente pela falta de farinha.—H.

NO PORTO

Uma condenação—Reclamação de funcionários — Rendimento aduaneiro

PORTO, 12.—Foi julgado Domingos de Azevedo, o «Trolha», acusado de ter assassinado à navalhada Rosa Martins Santos; foi condenado em 10 anos de prisão celular.

Os empregados da Alfândega reclamam aumento de vencimentos, do que foi dado conhecimento ao ministro das finanças.

A Alfândega rendeu 25 contos e 1.645 libras em oiro.—H.

Morte dum filólogo

RIO DE JANEIRO, 12.—Faleceu o filólogo Cândido Lago.—H.

Sociedade Propaganda de Portugal

Esta sociedade está tratando de organizar uma delegação em Sintra, de acôrdo com várias entidades de influência naquela magnífica estância, que muito terá a lucrar com esta iniciativa.

A pedido da mesma sociedade, a Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses resolveu modificar o horário da sua linha de Sintra, por forma a satisfazer, dentro dos limites do possivel, os interêsses dos moradores naquela vila, bem como a facilitar a sua visita aos estrangeiros que a desejem apreciar.

Notas e Comentários

De boa bôca

Sabe-se que o nosso país, lutando já em 1914 com uma crise económica pavorosa, contraíu, pelo facto da sua entrada na guerra, dívidas enormes que, somadas às já anteriormente existentes, arredondam uma continha calada. A ponto tal, que só os encargos dessas dívidas arrebanharão a quási totalidade das receitas do Estado. A participação na guerra foi portanto para nós, sob o ponto de vista económico, uma espiga tremenda, cuja pragana só uma indemnização agora recebida poderia bolear. Mas de tal maneira se houveram os aliados e associados de maior corpo na divisão do queijo arrancado ou a arrancar à Alemanha, que para Portugal não sobrou quinhão, como se demonstra com protestos formulados pelo sr. Afonso Costa. Ante esta imprevista conclusão, não foi o sr. Afonso Costa, declarando arruinado o nosso país, o único a protestar. E' que, de facto, as poucas probabilidades de redenção económica que ainda pudéssemos ter antes da guerra, desapareceram agora. O futuro que espera Portugal muito enevoado se apresenta, dado que os aliados e associados não deliberem, e tudo indica que não deliberarão, entregar a Portugal uma parcela do que esperam receber. Pois o nosso colega *A Vitória* mostra-se em absoluto resignado com a perspectiva e só vão suas imprecações para os que protestam. Assim fala *A Vitória*, admitida a hipótese duma «traição»:

A grandesa de ânimo de certos aliados não consente que o inimigo nos reembolse do que dispendemos na guerra. Não importa. Nós, que não fomos aliados da ultima hora, que não levámos meia guerra numa cómoda neutralidade a absorver o ouro dos beligerantes, não devemos dar a impressão de que vamos abrir falência precisamente na hora do triunfo.

E' certo que Portugal andou lá por fora a mendigar a fineza excelsa de lhe aceitarem o concurso na guerra, para a defeza da Liberdade, da Justiça e doutras cousas mais, e, assim sendo, não lhe cabem direitos a paga, já que quem corre por gôsto não cansa. Quem aliás correu por gôsto ou por interêsse não foi o povo, não foi a classe operária, que, no começo da corrida, protestou tanto quanto lho permitiu a repressão cezarista dêsse tempo.

Mas nem por isso é menos admirável, partindo donde parte, o exemplo de resignação evangélica dado por *A Vitória*. Levam-nos coiro e cabelo. «Não importa». Não demos a impressão de falência nesta hora triunfante. O diabo é que a penúria custa muito a ocultar, sobretudo se atingiu os limites máximos. Não protestemos, todavia, pois que, no dizer de *A Vitória*,

Protestar é belo, mas sorrir é mais belo ainda. Respondamos com um sorriso, em que vá todo o nosso desprêso e todo o nosso ódio. E consideremos, filosóficamente, que se assim nos tratam depois de tanto sacrifício de sangue e de dinheiro, como não seríamos espesinhados, cuspidos e roubados se não tivéssemos afinal marchado para o *matadouro*, e nos limitássemos a ficar cómodamente em casa à espera dos acontecimentos...

Ainda podia ser pior. Auferir um pontapé em região carnuda é mau. Mas pior seria receber dois. E pior ainda ter de aceitar três. Por modos que, façam os sócios aliados o que fizerem, sempre em nome do Direito e da Moralidade, respondamos-lhes filosóficamente com um sorriso, que êles podiam fazer muito mais. Um sorriso, e toca depois a roer a ponta dum chavelho, com muitas graças a Deus. Reconheça-se que até o próprio Job se quedará ofuscado perante tal atitude. E daí, não fica a nossa situação tão má como tudo isso. *A Vitória* define-a:

¿Os nossos encargos aumentaram de 400, de 500, de 600 mil contos? Embora! Em Portugal está tudo por fazer. Trabalhemos.

Arruinados económicamente. Tudo por fazer. Pois, com mais meia dose de sorrisos, necessáriamente amarelos, faremos tudo. Não se sabe bem por que maneira nem valendo-nos de que meios. Empurrados para o fundo dum abismo, primeiro pela loucura dos governantes da casa própria, depois pela ambição dos governantes de casas alheias, nenhuma outra atitude nos convem senão a do sorriso. Assim se escapará à miséria que por todos os lados nos manieta e invalida.

Tem de confessar-se que, jornal republicano e patriota, *A Vitória* é realmente de muito boa bôca.

Músicos

Também a Associação dos Músicos Portugueses se movimenta com o intuito de obter mais elevadas tabelas de preços. Músicos e poetas, a dar-se crédito a uma velha sentença, é gente que nunca coalhou vintem, e habituada, para mais, a jejuns longos. Por modos que se ganas de reclamar afim lhe deram, provado está que as dificuldades da vida atingiram culminâncias nunca vistas. Certo é porêm que os músicos, ganhando ainda por tabelas antigas, todo o direito teem a reclamar aumento de salário e justíssima é a sua reclamação. Não é dos melhores nem dos menos árduos o ofício, e difícil será imaginar todo o tormento de um clarinete forçado a tocar, durante um ano, o «Fado do Ganga» ou qualquer outra composição de equivalente maviosidade, susceptível de fazer em água os miolos do ouvinte, com obra de meia duzia de audições. Pois ponderem os senhores emprezários a justiça que assiste aos seus servidores e lembrem-se do evidente direito que teem a reclamar aqueles artistas que, por uma espórtula mísera, se conservam obscuramente noites e noites ou torcidos sôb o violino, ou assoprando no oboé, ou agarrados desconsoladamente aos tímbales.

Portugal na guerra

Tombou há dias sôbre a nossa mesa de trabalho a circular em que a Comissão Municipal Democrática de Lisboa convidava o eleitorado a votar nos candidatos do partido. Depois de falar dos sacrifícios feitos à Pátria e dos altos serviços por êste prestados ao país, continuava assim:

Defensor desde o primeiro instante da política intervencionista, preparou e realizou, vencendo as maiores dificuldades, a comparticipação de Portugal na grande guerra.

A excelente posição internacional que conquistámos, se é certo que se deve à alma heróica dos portugueses que se bateram pela causa sagrada da Pátria, não é menos certo que se deve também aos homens que tiveram a clara e nítida visão de que nos campos de batalha da França se decidia o futuro da nacionalidade e de que à custa dos mais dolorosos sacrifícios era necessário que tomássemos parte na luta, a fim de assegurarmos definitivamente, os destinos gloriosos de Portugal.

Minutos depois, lendo a entrevista que o dr. Afonso Costa deu ao *Matin*, lá fômos encontrar preciosissimas declarações. Entre outras registam-se estas:

¿Que lição se pode tirar desta guerra? ¿O que hei de dizer aos meus compatriotas quando regressar ao meu país?

¿Portugal, que defendeu a Justiça, deve sair mais arruinado da luta que a própria Alemanha, que a espesinhou?

Pois apesar disto continúa-se por cá a falar na *excelente posição internacional que conquistámos!* Ora limpem lá as mãos à parede, que a fizeram bonita...

O futuro parlamento

Ainda da circular que a Comissão Municipal Democrática fez distribuir aos seus correligionários não resistimos à tentação de recortar mais êste pedacito

Terminada a guerra, temos de concentrar toda a nossa actividade na grande obra de ressurgimento que é preciso rapidamente empreender, e o Partido Republicano Português, cônscio da gravidade do momento histórico que atravessamos e tendo a nítida compreensão das responsabilidades do futuro parlamento, indica aos eleitores da capital nomes de individualidades que pela sua comprovada competência e acentuado patriotismo, nos dão segura garantia de que as reformas do ensino, do qual depende fundamentalmente a regeneração da raça, e os problemas económicos e financeiros e sociais terão a mais acertada solução.

Não tenham dúvidas. Com pedagogos, economistas e financeiros da fôrça dos srs. Norton de Matos, Leote do Rego, Sousa Rosa, Nunes Loureiro, etc., etc., vamos encontrar a *mais acertada solução*.

O futuro parlamento! Quem o apanhasse a funcionar...

Conferência de Paris

Delegação alemã

VERSAILES, 12.—Uma parte importante da delegação alemã partiu esta noite de Paris. O sr. Landsberg, ministro da justiça, sr. Giesbert, ministro dos correios, o general Seech, o capitão de fragata Heinrich, o capitão Fischer, o sr. Cune, conselheiro intimo e nove secretários partiram para a Alemanha pela gare do norte, para onde foram conduzidos em sete carruagens-automóveis.—H.

Protesto contra as condições da paz

BASILEIA, 12.—O sr. Scheideman, discursando na assemblea Nacional, protestou contra as condições da paz, que considera inaceitáveis, acrescentando que a Alemanha apresentou uma contra-proposta, e que fará ainda mais propostas, considerando agora que a sua missão mais importante é obter que continuem as negociações.—H.

A contra-proposta alemã

VERSAILES, 13.—A tradução para francês da contra-proposta alemã começou depois do jantar da missão alemã e terminou às 3 horas. Imediatamente o conde Brockdorff começou a rever tudo, terminando sòmente quando tinha rompido o dia.—H.

Dois milhões de quilos de tabaco em chamas

CADIZ, 12.—Rebentou um incêndio no depósito de tabacos, estando a arder dois milhões de quilos. Receia-se que os prejuizos sejam ainda maiores, em conseqüência da violencia do vento.—H.

Aumento de salário

O pessoal da Nova Empresa Industrial de Calçado, com oficinas em Alcântara, que há dias, como noticiámos, apresentara uma proposta de aumento de salário consistindo na adopção das tabelas da casa com 30 %, retomou já o trabalho, com um aumento transitório para vigorar até 15 do corrente, dia em que o patrão se comprometeu a apresentar o resultado do estudo que vai fazer das reclamações apresentadas pelos operários.

O pessoal abriu entre si uma quete a favor do nosso jornal, que rendeu a importância de 6$20, já entregue na nossa administração.

—Os operários canteiros e cabouqueiros de Tires e arredores, reclamaram dos industriais um aumento de 50 0|0 sôbre os salarios actuais, em conseqüência de auferirem salarios muito irrisórios. A reclamação já foi atendida por quasi todos os industriais, pois que só os srs. Marcolino Cesario dos Sadtos, José Miguel Correia e Duarte Rato é que ainda não satisfizeram. Por êste motivo os operários abandonaram os trabalhos daqueles industriais, passando imediatamente a trabalhar por conta dos que já mes dão o aumento. A associação de Tires, a quem o caso está entregue, já oficiou à federação de industrias, entregando-lhe a solução do assunto e resolveu pedir-lhe dois delegados para assistirem a uma assemblea magna, que se efectua hoje, pelas 20 horas, a fim de se ocupar do assunto.

Lutando por aumento de salário

Prosseguem as greves das classes dos alfaiates, cesteiros e dos cerâmicos de Sacavêm — Soluciona-se a dos metalúrgicos — Outros movimentos

Operários alfaiates

Reüniu ontem, com as salas replectas de operários desta classe, em assemblea magna, que apreciou detalhadamente um ofício dos industriais em que comunicam desligar-se do assunto, convidando os operários a retomar o trabalho sem condições, ficando para depois a resolução do conflito. Em vista desta atitude dos industriais, a comissão de melhoramentos pediu a sua demissão, que foi aceite, sendo nomeada outra com amplos poderes para solucionar o conflito com honra para a classe. Resolveu convocar a classe a reünir hoje, pelas 14 horas, a fim de apreciar o novo caminho que a comissão vai imprimir ao movimento, ficando aquela em sessão permanente.

A comissão exporá as bases em que deve assentar a fundação de uma cosinha comunista.

Operários Cesteiros

A comissão delegada da Associação dos Cesteiros e da Federação Mobiliária, deu contas à assemblea das *démarches* efectuadas junto do ministro do trabalho e dos industriais, e como só o industrial Joaquim Rodrigues Eugénio satisfaz a principal reclamação de ordem moral, que consiste na abolição da empreitada, a assemblea, atendendo à intransigência dos patrões, resolve dar por findos os trabalhos junto dos mesmos, montando desde já a cooperativa de produção, que deverá funcionar ainda esta semana, apelando para toda a organização operária no intuito de boicotar os produtos fabricados em casas de patrões.

Metalúrgicos

Greve que se soluciona

Terminou o conflito aberto pela Companhia União Metalúrgica com o seu pessoal que trabalhava na reparação do vapor *Congo*.

O engenheiro da Comissão de Transportes Marítimos que estava dirigindo os trabalhos, reconhecendo a justiça que assistia aos operários em greve, autorizou-os a trabalhar por conta da mesma Comissão e com as regalias que reclamavam.

—A direcção da Associação dos Pintores Navais, reunida extraordináriamente, para tratar de um assunto colectivo, deliberou lançar na acta um voto de louvor ao pessoal metalúrgico da Empresa Industrial Portuguesa, pela sua enérgica atitude durante o seu movimento grevista.

Trabalhadores de armazens

VILA NOVA DE GAIA, 12.—C.—Declararam-se ontem de tarde em greve os operários das diversas secções dos armazens de vinhos da firma Valente Costa & C.ª, Limitada, pedindo 8 horas de trabalho.

A referida firma fez afixar a seguinte declaração para conhecimento dos operários:

«A firma Valente Costa & C.ª, Limitada, está pronta, como lhe cumpre, a acatar a lei reguladora do horário de trabalho, tam cedo esta entre em vigôr. Até lá, porêm, mantêm o horário actualmente em vigôr, sendo descontado o tempo que qualquer operário deixe de trabalhar em relação ao mesmo horário».

Em virtude dos operários não concordarem com êste aviso, as oficinas foram encerradas.

Cerâmicos de Sacavêm

SACAVÊM, 12.—C.—Mantendo-se em sessão permanente e cada vez com fé mais inquebrantável pela conquista dum pouco de mais bem-estar, continuam os camaradas cerâmicos a sua luta. Na sessão magna de ontem, usaram da palavra os camaradas Manuel Lacerda, A. Neves, Fernando Figueiredo e M. Barquinha, que fizeram belas demonstrações do que deve ser a união nas classes trabalhadoras. A comissão angariadora de auxilio aos grévistas mais necessitados, deu conta dos trabalhos que efectuou hoje, que constaram do envio de ofícios aos industriais de padarias da localidade, respondendo já uma parte deles, oferecendo o seu auxilio em pão, que depois de ámanhã a comissão irá recolher, fazendo depois a distribuição pelos camaradas que já estão inscritos e pelos que se hão de inscrever, para o que se encontra aberta a inscrição.

A última sessão foi a que teve maior representação do sexo feminino, pois ao fazer-se um apêlo ás mulheres para auxiliarem os seus camaradas, quási todas acorreram a êsse apêlo.

Em todas as sessões se teem proposto novos sócios.

Os militares, que obrigados pela disciplina teem estado na descarga da lenha das fragatas que se encontram no rio, estão descontentes porque estavam para ser licenciados e agora dizem-lhe que o não serão por causa da greve, talvez com o propósito de os indispor com os operários, o que até aqui ainda não conseguiram, pois estes já vão compreendendo que pertencem ao povo.

A última secção foi encerrada aos vivas á greve e á *Batalha*.

Operários dos Arsenais

Foi já publicado o decreto fixando o salário mínimo

Em terceiro suplemento ao n.º 98, do *Diário do Govêrno* de 10 do corrente, vem publicado o decreto que regula o salário mínimo ao pessoal dos Arsenais do Exército e Marinha, cuja publicação, como ontem noticiámos, desde o dia 1 estes nossos camaradas aguardavam.

CONTRA A GRIPE

BADAJOZ, 12.—Foram tomadas medidas rigorosas a fim de evitar a propagação da epidemia da gripe, vinda de Portugal.—H.

FALANDO Á BOA PAZ

COM O

novo director da polícia de Segurança do Estado

Uma nova orientação policial. Respeito à lei e às liberdades individuais. Castigo implacável dos abusos de autoridade

A nova orientação anunciada nos serviços da polícia de segurança do Estado levou-nos a procurar no govêrno civil o director recentemente nomeado, sr. Pinto Teixeira, que deu logo de entrada sobejas provas de rectidão e de justiça, mandando pôr em liberdade inúmeros presos e dar imediato andamento a processos que foi encontrar sem o menor vestígio de instrução.

Estas coisas da polícia, parecendo que não, interessam-nos. Evidentemente, se as nossas relações com ela não podem ser amigáveis, que sejam ao menos toleráveis... E porque os recentes acontecimentos puzeram de novo em foco velhos hábitos de arbitrariedades e violências estigmatizados aliás por um magistrado novo que declara estar disposto a enveredar por outro caminho, não era desacertado inquirir dêle os seus pontos de vista em matéria de polícia política sôbre que vai superintender.

O novo director da polícia de segurança do Estado deu-nos a impressão de ser uma pessoa de uma grande inteireza moral, resoluto e firme, mas lial e franco, nas disposições de não se sujeitar à imposição de ninguém nem de permitir a mínima arbitrariedade da parte dos seus subordinados.

Prisões efectuadas por forma irregularíssima—Dezenas de detidos postos em liberdade

A' nossa pergunta sôbre a prisão de Alexandre Vieira e as de outros camaradas feitas no período agudo das ultimas greves, diz-nos o sr. Pinto Teixeira:

—O govêrno não teve interferência alguma na prisão dêsses indivíduos. Por aqui nada consta a tal respeito. Não há cópias dos mandados de captura, o menor indício de quem as tenha ordenado. De resto não me repugna admitir que elas foram arbitrárias. Quando vim para aqui, deparou-se-me uma situação irregularíssima, criaturas detidas há muito sem culpa formada, processos esquecidos por instruír, prisões por simples denúncias desacompanhadas de qualquer prova testemunhal e sem razão fundamentada. Os primeiros momentos do meu cargo consagrei-os ao exame detalhado da situação de muitos presos. E, nalgumas horas apenas, restituí à liberdade dezenas deles.

—Apraz-me registar essas declarações. Vemos velar a garantia de que está resolvido a exercer integérrimamente justiça. Sempre as violências desacreditaram o poder.

—Emquanto me conservar neste lugar—talvez por bem pouco tempo—não permitirei que se pratiquem abusos, acentuou com energia o sr. Pinto Teixeira. Não assinarei mandados de captura sem me assegurar da sua justificação. Não admito suspeitas. Quero provas concretas. Se um agente efectuar uma prisão sem que eu assine o respectivo mandado de captura, demito-o. Mais, prendo-o. Se me trouxerem presos que não venham acompanhados da respectiva participação criminal ou seja duvidosa a sua culpabilidade, mando-os soltar imediatamente. E' esta a minha orientação, que ao tomar posse dêste cargo expuz ao sr. presidente do ministério e com a qual êle se mostrou plenamente de acôrdo.

Precisamente entrava um funcionário superior com o chefe Murtinheira e inquiria sôbre o destino a dar a qualquer prêso enviado do ministério da guerra. Parece que o desgraçado era do Pôrto e andava de cá para lá, num verdadeiro sarilho de jurisdição para jurisdição.

—Se não está regularizada a sua situação, ponho-o na rua, foi a resposta do director da polícia de segurança.

—O logar é espinhoso, notámos nós.

—Não me sinto com feitio para polícia, desabafou o nosso entrevistado, que é oficial do exército.

"O operário não tem ainda o que lhe é necessário, embora não esteja hoje relativamente mal pago".

Mas o maior interêsse dêste encontro estava, da nossa parte, em conhecermos a atitude do director da polícia de segurança do Estado em matéria social.

—Reconheço até certo ponto a justiça das reivindicações operárias. Duma vez, que fui governador civil, servi de árbitro entre operários e patrões, por indicação daquêles. O operário não está hoje relativamente mal pago, embora não tenha ainda o que lhe é necessário. Mas veja o desequilíbrio que se estabelece na sociedade com o sistema das greves. Um segundo oficial dos correios ganha tanto como um professor duma escola superior. E' admissível isto? O Estado não deve olhar somente aos interêsses do operariado. Há as classes médias que não fazem movimentos e com direitos não menos justos e atendíveis.

—O Estado — permitimo-nos nós observar — devia e podia satisfazer as reclamações operárias, embora à custa das fortunas feitas escandalosamente durante a guerra e que não fôram ainda objecção de uma tributação especial. Mas se o govêrno recuou diante de um comesinho imposto sôbre objectos de luxo, assustados dos protestos do comércio! Estavam à porta as eleições...

—¿E assegurava o operariado ao govêrno a votação necessária à segurança da República?

—¡Mas tinha os braços dele!

—A ditadura... E' facto que a República se vê muitas vezes embaraçada, numa situação crítica, entre dois adversários que a não poupam nos seus ataques, uma parte das classes abastadas de um lado, e o operariado, do outro. Dois extremos que muitas vezes... se tocam. Eu sei—interveiu s. ex.ª a um gesto nosso, eu sei que os senhores se indignam muito quando os acusam de servir os interesses dos reacionários. Haverá injustiça às vezes, acredito. Mas é inegável que em certos movimentos de classe manobram, não digo já estranhos a ela, mas indivíduos que acobertam objectivos políticos sôb a capa incolor de reivindicações económicas. Em certas classes é bem visível o jôgo. E' impossível que os senhores o não descubram. Aí tinham uma bela ocasião de protestarem contra tais manejos, desmascarando intuitos falsos.

Fizemos ver a s. ex.ª que desde que se trata de uma reivindicação de carácter económico não podemos em princípio deixar de dar-lhe o nosso apoio, sem nos importarmos se o movimento é dirigido por monárquicos ou republicanos, católicos ou protestantes. São sindicados e não políticos que vemos. De resto, as classes sabem muito bem em quem confiam e não se prestariam a servir os interesses partidários.

A apreensão de brochuras e folhetos sobre a questão russa

Tocámos agora um outro ponto.

—¿Sabe que foram apreendidos numa casa editora, da rua do Poço dos Negros, folhetos e brochuras sôbre a questão russa?

—Não tive conhecimento de tais apreensões.

—Lá fóra tudo isto circula livremente, havendo aliás censura. Entre nós teme-se demasiadamente a propaganda bolxevista, uma coisa velha sob um nome novo. Há na Italia um jornal *O Soviet* e na Espanha *O Bolxevista*. ¿Permitir-se-hiam aqui publicações assim denominadas, e mais estamos num país de instituições democráticas? Estou em crer que não. Asseguramos-lhe que ninguem pensa em fazer já a Revolução Social! Nenhum militante ousaria propôr semelhante coisa ao operariado. Há mesmo afirmações públicas formais nêste sentido. ¿Porque é que se especula, pois, com o bolxevismo? Não nego que haja núcleos de propaganda social com designações mais ou menos inspiradas na terminologia revolucionária russa. Mas isto sucede em toda a parte, sem que tal signifique, entre nós pelo menos, um propósito sedicioso.

O sr. Pinto Teixeira, que nos ouve com uma cortês e penhorante condescendência replica:

—O exagêro russo! Mas é uma propaganda perniciosa toda a que se faça nêsse sentido junto de espíritos simplistas. Passei no dia 1.º de Maio ao cimo da Avenida e notei nos olhares de alguns operários o reflexo do odio tôrvo contra o burguês, contra quem aparente viver bem. Os senhores estão no seu papel, defendem ideas, não os condeno. Sou republicano, sou progressivo, compreendo o que é um ideal. Mas quem é inteligente vê o perigo que representa um apêlo sentimental a ideas sedutoras, inviáveis por enquanto, uma excitação irreflectida puramente verbal e declamatória. Porque eu tenho notado que os *meneurs* se entregam mais a esta propagadda negativa e dissolvente que à dignificação profissional e à preparação económica de que tanto carecemos. O ex-ministro do trabalho veiu complicar mais isto com as suas sugestões socializadoras, como se num país de indústrias pobres e definhadas se pudesse pensar em tais medidas! Mas essa propaganda tem ainda um inconveniente mais grave que o de uma simples divergência de opiniões políticas entre as classes. Ela vem agravar a situação dum povo que vive já aflitamente na desorientação geral dos hamens e das ideas, e não ignora quanto nos seria prejudicial, nêste momento em que se jogam os nossos destinos na Conferência da Paz, o espectáculo dum país esfacelando-se em pugnas políticas. Ora o *exagêro* russo leva-nos a isso fatalmente...

E o nosso entrevistado dá por finda a palestra, depois de afirmarmos mais uma vez que o critério policial sôbre a idea da revolução, deve seguir a evolução do progresso social; que ao operariado deve ser reconhecido o direito de se organizar autónomamente, fora das escolas políticas e o livre exercício de propaganda, desde que não seja sediciosa e não incite á rebelião contra os poderes legais. Despedimo-nos, penhorados da gentilesa do distincto funcionário, que de novo insiste no seu propósito bem firme de proceder no desempenho da sua missão com toda a justiça, não sancionando prepotências castigando abusos e desmandos.

E é só afinal o que nós pretendemos. Não é exigir muito, parece-nos.

M. R.

Aviões americanos nos Açôres

PONTA-DELGADA, 12.—Estão chegando a todo o momento aos Açôres curiosos que veem esperar os hidroaviões americanos.

"A BATALHA" na província

ALCANENA, 10

O sindicato local—Os rurais organizam-se

Alcanena é um centro fabril dos mais importantes, no qual predomina a indústria de cortumes, que emprega algumas centenas de trabalhadores.

Há aproximadamente oito anos que o operariado desta localidade fundou a sua associação de classe e desde então tem vivido lutando com mais ou menos actividade pelas suas regalias.

A' frente desta associação encontram-se alguns camaradas dedicados, por iniciativa dss quais reuniu no dia 11 do passado mês de Abril, a assemblea geral da referida Associação dos Curtidores de Sola e Artes Correlativas, resolvendo, por proposta do camarada António A. Matafome, que presidiu, aderir à U. O. N. e que se comemorasse o 1.º de Maio como dia de solidariedade e protesto das classes trabalhadoras contra a sociedade burguesa.

—Os trabalhadores rurais desta região estão-se organizando activamente. Já se organizou o seu sindicato rural de Malhou e estão em viad e organização os de Bogalhos e Parceiros.

Bom será que as diferentes classes que em Alcanena se encontram desorganizadas se preparem para que um dia a onda libertadora as não encontre dissociadas.

FARO, 12

O governador civil não permite a repressão de açambarcamentos

Os fiscais de subsistências que para esta cidade haviam sido enviados, foram coagidos a regressar a Lisboa perante a atitude do governador civil que formalmente os impediu de exercer a sua missão. Nenhuma disposição legal relativa às subsistências era cumprida em Faro a quando da chegada dos fiscais. Não havia tabelas, os padeiros ignoravam ser obrigatório o uso de balanças para pesagem do pão, os comerciantes vendia n pelos preços que entendiam. Começaram os fiscais por avisar o comércio das disposições legais, mas, passados dias, como quer que os avisos nenhum efeito surtissem, certos talvez os comerciantes da impunidade, procederam em harmonia com o decreto 5181, autuando um padeiro que vendera um pão de meio quilo não pesado com o desfalque de 40 gramas, e multando-o em 10$00, quantia que enviaram para juizo.

Conhecedor do facto, o governador civil chamou á sua presença um dos fiscais, Cândido Ventura, dizendo-lhe que o seu procedimento havia sido ilegal em face do código de posturas. Respondeu o interpelado que nada tinham os fiscais com o código de posturas mas sim com as leis gerais, e essa resposta lhe valeu ser encarcerado num calabouço imundo, indo no dia seguinte de novo à presença do governador, ante o qual compareceu também o padeiro já referido, que nada pagou afinal, em virtude da protecção que a ele e outros delinquentes dispensa sistemàticamente a autoridade superior do distrito.

Várias outras diligências intentaram os fiscais levar a efeito, entre elas a apreensão de quantidades de batata que em Faro se estava vendendo a $52 e $56 o quilo. Porém, o governador civil impediu-lhes sempre a acção, chegando o comissário a dizer-lhes que se fôsse dono de algum batatal e os fiscais quizessem obriga-lo a vendê-lo pelo preço da tabela, não tinha dúvida em correr-los a tiro.

Os factos apontados, e muitos outros que a falta de espaço nos impede de relatar, levaram os fiscais a sair de Faro e voltar a Lisboa, onde, esperamos, providências serão tomadas para impedir a continuação dêste estado de coisas.—C.

Pessoal Telégrafo-Postal

As Associações do Pessoal Maior e Menor dos Correios e Telégrafos enviam-nos a seguinte

NOTA OFICIOSA

De todas as notícias tomadas públicas só são da responsabilidade da Classe Telégrafo Postal as que forem enviadas à imprensa por intermédio de qualquer das respectivas associações de classe.

Agressões

Numa taberna no Barreiro, denominada do Crescêncio, estava no sábado passado à tarde com outros trabalhadores, Francisco Faustino, de 23 anos, residente naquela vila e filho de José Faustino de Sousa e de Emília da Conceição, quando ali entrou armado de um varapau José Valedo, jornaleiro, que ao ver o Faustino imediatamente lhe atirou uma paulada à cabeça, deixando-o muito ferido e pondo-se em seguida em fuga. Conduzido o ferido à farmácia Matos, da localidade, foi ali pensado. Sentindo-se pior, foi ontem transportado para Lisboa, quando entrada no hospital de S. José, onde o cirurgião de serviço no Banco, dr. Torres Pereira, verificou que o ferido apresentava fractura do crâneo, pelo que foi aliviado do trépano pelo mesmo clínico, coadjuvado pelos internos drs. Fernando Lacerda e Mota Cabral recolhendo depois a enfermaria 4 (Santo António).

—Para a enfermaria 4 (Santo António) entrou ontem Mário Correa, de 24 anos, trabalhador, residente em Lagôa, que num baile ali realizado no domingo último, se envolveu em desordem com outro trabalhador de nome Manuel Alberto que, com uma pedra lhe fez um grande ferimento na região supraciliar esquerda, com fractura de ossos.

—Depois de tratado no Banco do hospital de S. José, recolheu à enfermaria de S. Fernando, no hospital do Rêgo, o sapateiro de padeiro Luís Nunes Nobre, de 31 anos, solteiro, natural e residente em Vilar, concelho do Cadaval, que no pátio do lugar de Rechaldino foi agredido a tiro pelos irmãos António e José Bernardino, ficando ferido nos braços e pernas.

Suicídio?

Deu entrada na Morgue o cadáver de Augusto Lopes, de 30 anos, morador na rua da Moularia, 58, 5.º, que foi encontrado morto num sótão da residência por seu irmão Luís Lopes, parecendo ter sucumbido à doença de que já há tempos se andava tratando no hospital de S. José.

Jornal do Público

Boa maneira de evitar incêndios

A propósito do incidente a que ontem nos referimos, suscitado entre o pessoal que trabalha no Museu Agrícola e Colonial e o director do mesmo estabelecimento, em virtude dêste senhor ter requisitado fôrça armada para guardar a obra a fim de... evitar incêndios, temos hoje a acrescentar que apesar da determinação daquele director, quando ontem os operários se preparavam para começar o trabalho encontraram o mesmo aparato bélico que na véspera. Em vista da repetição do estranho facto, novamente os operários procuraram o sr. Melo Geraldes, que lhes respondeu já ter dado ordem para a fôrça retirar. A permanência da referida fôrça dentro da obra deve-se ao sr. Carreira, que inventa todos os pretextos a fim de hostilizar os operários. O sr. Carreira, porém, que não brinque com o fogo...

Jornada de 8 horas

Luta pela implantação das 8 horas

VIANA-DO-CASTELO, 12.—C.—Desde o dia 29 do mês passado que o operariado vianense se vem movimentando para conseguir o horário de 8 horas e, pode-se já dizer, não é concedido por um decreto mas sim pelo seu próprio esfôrço.

Desde o dia 2 até no dia 9 que a cidade apresentava um aspecto extraordinário devido à paralização do trabalho, pois que os sindicatos, fieis às resoluções tomadas no comício do 1.º de Maio, e à sessão que o precedeu, se lançam em greve para reivindicar o horário de 8 horas umas, êste e aumento de salário outras, e ainda algumas por aumento do preço de mão de obra. Estão solucionados com vitória para os operários: a da construção civil, continuando apenas em greve o pessoal dos mestres que, emquanto não pagarem a indemnização que lhes impôs o respectivo sindicato, terão os seus trabalhos paralizados, como aconteceu a um proprietário que já ontem oficiou à classe de canteiros dizendo estar pronto a pagar o exigido. Outro tanto aconteceria aos mestres se quizerem continuar a sê-lo.

A dos manufactores de calçado com vitória parcial e seria total se dois *amarelos* que raras vezes apareciam às assembleias, comprados por um industrial, se não tornassem assíduos para fomentar a discórdia e dar um golpe de morte na associação que, diga-se francamente, se ficou neste movimento algo humilhada, devido aos modernos *Escariotes*, nem por isso esmoreceu para a *breve revanche*.

A dos alfaiates com a satisfação integral das reclamações apresentadas que, devido a uma inquebrantável solidariedade, se mantiveram intransigentes, emquanto o presidente dos industriais foi o primeiro que se viu forçado a quebrar o acôrdo por êles estabelecido!

Continua a dos marceneiros que, declarada para conseguir o novo horário, e porque os mestres a princípio não cederam, não retomarão o trabalho senão com o aumento de 50 p. c. nos salários.

O industrial Varejão mandou do Pôrto algum mobiliário, mas chegaram-lhe espelhos partidos e cadeiras com pernas serradas.

Entre os grevistas existe firmeza e entusiasmo.

O operariado consegue, com a sua acção, trabalhar 8 horas

ALCANENA, 10.—C.—O operariado local resolveu, no 1.º de Maio, passar a trabalhar 8 horas. Tanto no dia 2 como no dia 3 não houve relutância da parte dos patrões em permitir o trabalho de 8 horas, mas como no domingo corressem boatos de que o decreto não havia saído no *Diário do Govêrno*, os industriais previneram os mestres de que, na segunda feira, quem quizesse trabalhar se deveria apresentar de sol a sol. Como tal constatasse, convocou-se uma reunião magna de todos os trabalhadores, na qual se resolveu trabalhar com o horário dos dois dias anteriores. Na segunda feira de manhã todos estavam a postos e um numeroso grupo percorreu as fábricas, oficinas e obras, encontrando apenas dois camaradas *amarelos*, que se dispunham a trabalhar fora do horário. Perante a união do operariado, alguns industriais menos renitentes, cederam, e de cêrca de uma fábrica que aqui existem, mais de metade entraram em laboração com o dia de 8 horas, sendo, apenas, renitentes, os industriais Manuel Lucas Júnior, José Bento Caetano e Joaquim Gonçalves, mantendo-se agora na sua teimosia o industrial Manuel Lucas, contra quem o operariado se acha altamente indignado, por que foi o alvo a conter e acusado de ter tentado convencer os seus colegas a não satisfazer a vontade aos trabalhadores.

Terminou, por fim, com vitória para os trabalhadores a questão do horário, apesar do decreto ainda não ter sido publicado.

Na assembleia magna realizada na passada segunda feira resolveu-se integrar a U. O. N. e *A Batalha* comunicando o que se passava.

Alguns industriais, como vingança, despediram vários camaradas que mais denodadamente pugnam pelas suas reivindicações, tendo sido um despedido pelo simples facto de às horas de descanço, se encontrar lendo *A Batalha* a alguns camaradas dentro da fábrica. Consta que mais alguns camaradas já estão apontados.

Esperamos que os industriais reconsiderem e readmitam os camaradas despedidos, deixando-se de exercer vinganças, pois que, de contrário, elas recairiam sôbre êles, pois os ânimos excitam-se e tanto pior...

O horário na indústria de panificação

VILA NOVA DE GAIA, 11.—C.—Em assembleia magna, e para tratar do horário de trabalho na indústria de panificação, reuniu hoje a classe dos manipuladores de pão, de Gaia.

Perante grande número de assistentes, muitos oradores fizeram uso da palavra, expondo a carestia da vida, da lei, sendo resolvido principiar o novo horário de trabalho, que passa a ser diurno, da aurora da segunda feira, 10, em diante, com o seguinte horário: amassadores, entrada às 7 horas, saída às 16, com uma hora para refeição; forneiros, entrada às 9 horas, saída às 18 horas, também com uma hora para refeição. E' desejo desta classe que êste horário seja extensivo a todos os manipuladores de pão do país.

Desde as 2 da tarde **OLYMPIA** Matinée e Soirée

2.ª apresentação da Estreia **O Caír da Folha**, 3 actos por Andree Pascoal

Em única exibição **O Tigre Real**, 6 actos, por Pina Menichelli

O Peso da Falta, 3 partes e outras

Amanhã Pela 1.ª vez a grande criação de *Pina Menichelli* **A Pequena Estouvada**

Verdadeiro êxito artístico

VIDA SINDICAL

COMUNICAÇÕES

Pessoal da Imprensa Nacional.—A comissão eleita em assembleia geral dirigiu-se ontem ao ministério do interior a fim de conferenciar com o respectivo ministro àcêrca das reclamações do pessoal dêste estabelecimento do Estado. Como a comissão se conservasse no ministério das 15 às 19 horas e o ministro não comparecesse, voltará hoje ali, assim como outras comissões de vários empregados do Estado, a quem o sr. Domingos Pereira tinha marcado audiência para ontem às 15 horas.

Marceneiros.—Reuniu a assembleia geral para apreciar o parecer sôbre o aumento de salário, ficando a sessão suspensa para reunir hoje novamente, pelas 21 horas, em virtude do adiantado da hora.

Cortadores.—Reuniu em assembleia magna a classe dos cortadores para apreciar o decreto das 8 horas de trabalho no comércio, sendo aprovada a seguinte moção:

"A classe dos cortadores, reunida em assembleia geral para se pronunciar sôbre a forma de estabelecimento nos talhos da lei que estabelece as oito horas de trabalho, manifesta desejo de que essa lei seja aplicada pela seguinte forma:

a) A não abertura dos talhos às sextas feiras para o dia de descanço de 24 horas consecutivas.

b) A abertura dos estabelecimentos às 7 horas e o encerramento às 16 horas com uma hora intercalada para a refeição, com excepção dos sábados em que o encerramento terá lugar às 18 horas, e aos domingos em que o encerramento terá lugar às 13 horas ou sejam 6 horas de trabalho consecutivo.

c) Que os talhos de miudezas, as salchichrarias e respectivos armazens sejam incluidos nas mesmas disposições regulamentares.

Depois da ordem dos trabalhos foi presente pelo camarada Artur Torres Gomes a seguinte moção:

Considerando que a regulamentação das 8 horas de trabalho foi feita para todos os assalariados;

Considerando que na lei foram excluidas algumas classes, uma das quais é a dos trabalhadores rurais;

Considerando que êsses camaradas a que se refere o considerando anterior vão renegar um movimento para reclamar a sua inclusão na referida lei;

A classe dos Cortadores reunida em sessão magna, resolve:

1.º Não concordar com a lei na parte em que exclui os camaradas rurais;

2.º Oficiar esta associação a êsses camaradas dando-lhe todo o apoio ao movimento que vão iniciar.

No final da sessão foi aberta uma subscrição a favor das famílias dos deportados, rendendo 7$37.

Pessoal extraordinário dos Tabacos.—A assembleia geral dêste sindicato, anteontem reunida, tomou conhecimento das *démarches* da comissão delegada pró-aumento de salário. Sôbre o assunto, falaram diversos camaradas, que concordaram em absoluto com a exposição feita pela mesma comissão, dando-lhe a assembleia a devida confiança. Sôbre o horário das 8 horas, a assembleia aprovou o seguinte horário, a pedir à companhia, visto ser o mais racional: entrada às 8 horas; refeição das 12 às 13 e meia, e saída às 17 e meia. O camarada Eduardo Jorge apresentou o relatório da sua missão ao Norte, sendo aprovado por unanimidade e sem discussão.

A assembleia protestou contra as perseguições a militantes operários, bem como contra os assaltos às associações. Saudou o jornal *A Batalha*, pela forma intemerata como defende o proletariado.

Cabouqueiros e Fabricantes de Cal.—Reuniram os cabouqueiros e trabalhadores de pedreiras, arieiros e desaterros, que apreciaram as reclamações de aumento de salário dirigidas aos industriais. A comissão dou conta das *démarches* que tem com os industriais da parte ocidental, continuando hoje a entrevistar os industriais da parte oriental, sendo a comissão acompanhada por um delegado da S. C. C. do Alto do Pina. Continuam em sessão permanente, até completa solução do conflito, na sede da S. C. C. do Alto Pina.

Marinheiros e moços.—Este sindicato nomeou uma comissão que se há de avistar com o ministro das subsistências e transportes, a fim de tratar de assuntos de interêsse para a classe. Amanhã espera a referida comissão obter uma resposta.

Sindicato Ferroviário.—Conforme resoluções anteriores, as Comissões de secção dirigiram-se ontem ao ministério dos abastecimentos, a fim de se avistarem com o ministro no intuito de tomarem conhecimento sôbre resoluções tomadas àcêrca dos pedidos de carácter moral formulados pela classe, não tendo sido recebidas em virtude da ausência do ministro. Aguardam hoje puderem ser recebidas.

CONVOCAÇÕES

Federação da Construção Civil.—Reúne hoje a comissão administrativa, às 21 horas. Pede-se a comparência de todos os delegados.

Estereotipadores, Fundidores de Tipo e Anexos.—Reúne hoje, pelas 21 horas, a direcção dêste sindicato para tratar de assuntos de grande importância para a classe. Convida-se a comparecer nesta reünião o camarada Firmino (fundidor de tipo), a fim de trocar impressões muito úteis.

Encadernadores e Anexos.—Reúne hoje, às 21 horas, a assembleia especial dos pautadores para apreciar e resolver a forma de efectivar o convênio de trabalho que a Federação do Livro e do Jornal vai estabelecer nas classes gráficas. A assembleia reúne e resolve com sócios e não sócios, mas só pautadores. Chama-se a atenção da classe para esta reünião, que é muito importante para os pautadores.

Serventes de Pedreiros e Estucadores.—Convidam-se todos os sócios a reünir hoje, para se tratar de assuntos de alta importância.

Carpinteiros Civis de Lisboa.—Reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral, sendo a ordem dos trabalhos: aprovação do balancete do ano findo, apresentação do parecer da comissão revisora de contas e outros assuntos.

Mecânicos em madeira.—Reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral para tratar do aumento de salário.

Empregados do Estado.—Reúne hoje, pelas 21 horas precisas, em assembleia geral, a Associação dos Empregados do Estado, na sede da Associação de Socorros Mútuos dos Empregados do Estado, rua Agusta n.º 8, a fim da comissão dar conta da conferência que teve com o presidente do ministério relativamente a aumentos de vencimento.

Trabalhadores Rurais de Lisboa.—Reúne hoje para tratar de assunto urgente, pelas 22 horas.

Trabalhadores de Teatro.—São convocados todos os associados a reünir hoje, pelas 16 horas, para se prosseguir na apreciação dos trabalhos que ficaram suspensos na assembleia transacta.

Condutores de Carroças.—Reúne hoje a assembleia geral, às 21 horas, para tratar de assuntos pendentes da última sessão e resolver sôbre o horário de trabalho e ordenados.

Inscritos Marítimos.—Reúne hoje, pelas 21 horas, a assembleia geral, a fim de tomar conhecimento dos resultados obtidos pela comissão nomeada em 9 do corrente para tratar da reclamação das 8 horas.

Pintores da Construção Civil.—Este sindicato, por intermédio da sua Comissão de Propaganda Sindical, tenciona promover uma série de conferências e palestras de carácter social, para poder entrar numa fase de mais progresso e de maior dignidade profissional e associativa. Com êste intuito, convida a comissão eleita na última assembleia a reünir hoje, pelas 21 horas, para entrar em trabalhos práticos, bem como para resolver sôbre a comemoração do aniversário, que se deve realizar no dia 22 de Junho.

As rendas dos operários...

No Banco do Hospital de S. José foi pensado Manuel Ferreira, de 33 anos, residente na Vila Dias, 31, Xabregas, que nas oficinas de tanoeiro de José Ferreira Martins Limitada, foi colhido por um ferro, que lhe esmagou o dedo polegar da mão direita.

Operários do Município

Comunica-nos a Associação dos Operários do Município que os delegados operários à comissão de arbitragem conseguiram da mesma comissão a reintegração, até ontem, de todos os operários suspensos dos serviços.

Foi ainda resolvido que aos operários da limpeza e regas, acusados de determinados delitos, fôssem êstes dados como não existentes, e bem assim que lhes fôssem abonados os dias de segunda e terça feira últimas.

Repostas assim as coisas no seu antigo lugar, os delegados deverão hoje entrar na execução dos seus trabalhos, começando pela questão da consignação do pagamento a todo o pessoal dos dias que a greve durou, visto que já alguns abonos neste sentido foram feitos.

—A todos os operários municipais cuja admissão no serviço lhes seja negada hoje, se solicita a sua comparência junto dos delegados operários a fim de formularem as suas reclamações, na travessa de Agua de Flôr, 55. Assim, todos os operários que hoje não façam a sua apresentação ao serviço, deixará esta de estar dependente da comissão de arbitragem, exceptuando-se os operários prêsos por motivo da greve.

Os "bolzevistas" da rua do Bemformoso

Afonso Assunção, Rui Assunção Marques, Júlio Nunes da Silva, e Manuel da Costa, falsamente acusados de fazerem propaganda bolzevista e de, numa taberna da rua do Bemformoso, estarem tramando contra o govêrno, lá foram arbitràriamente deportados a bordo do "Africa" agora sob a acusação de monarquistas.

Estiveram ontem na nossa redacção as famílias daqueles indivíduos, pedindo-nos que chamemos a atenção do govêrno para o facto de, não tendo havido qualquer espécie de julgamento, e não se tendo, conseqüentemente, provado nenhuma das acusações feitas aos aludidos detidos, as prisões se manterem, num manifesto prejuiso das famílias, de quem é o amparo.

Atropelamentos

Isidro Baptista Domingos, 41 anos, natural de Lisboa, servente da Companhia das Aguas, morador na travessa das Freiras, 9, quando ontem seguia pela rua do Arsenal foi atropelado por um automóvel. Socorrido por alguns populares, foi levado ao posto médico do Arsenal de Marinha, onde lhe fizeram o primeiro penso, sendo depois conduzido no automaca da Cruz Vermelha ao hospital de S. José, onde foi novamente pensado pelos drs. Dumas Mora e Fernando Simões, de uma ferida contusa no nariz e no lábio inferior, ficando também muito contuso no ventre, com hemorragia pelas fossas nasais e pelo ouvido esquerdo. Recolheu em estado grave à enfermaria de Santo António.

Recebeu curativo no Banco do hospital de S. José, recolhendo depois a casa, Rosa Joaquina Alves, 80 anos, viuva e residente na travessa dos Pescadores, 26, que na rua 24 de Julho foi atropelada pelo automóvel 2:101, guiado por Henrique de Paiva, ficando ferida no pé direito.

Código do notariado

Está pronto para ser publicado um código do notariado, em que é compilada toda a legislação vigente sôbre o assunto.

As rendas dos operários

Manuel Marques, de 25 anos, trabalhador, residente em Aldeia de S. Pedro, Azeitão, no último sábado caíu ali de um pinheiro fracturando a espinha, pelo que recolheu ao hospital da Misericórdia de Azeitão.

Ontem foi transferido para o de S. José, onde, depois de observado no Banco pelo dr. Torres Pereira, recolheu à enfermaria 8 (S. Sebastião).

—Deu entrada na enfermaria 5 (S. Francisco) do hospital de S. José, um carreiro de nome Vicente, que aparentava 55 anos, residente em Algueirão, que ali, no desengatar os bois, foi colhido pelo carro, ficando com um grande ferimento na cabeça.

—Da enfermaria 4 (Santo António) foi transportado no automóvel dos Bombeiros Municipais para sua casa na rua das Barracas, 51, loja, onde vai continuar o tratamento o bombeiro 235, José da Silva, vítima de um desastre no incêndio manifestado há dias no Limoeiro.

Suicídio

No Banco do Hospital de S. José, faleceu, pouco tempo depois de ali ter dado entrada, Virgínia Alves Marques, casada com António Marques, que deu um tiro na cabeça. O cadáver foi removido para a Casa Mortuária do mesmo estabelecimento.

MORGUE

Da casa mortuária do hospital de S. José foi removido para a Morgue, a fim de ser hoje autopsiado, o cadaver de Porfirio Augusto, aquele guarda cívico há dias atropelado por um automóvel na avenida da Liberdade.

—Deu entrada na Morgue um recemnascido do sexo masculino, encontrado ao abandono no rio Tejo.

—Realiza-se hoje a autópsia de José da Costa, aquele chefe do distrito 5 do ramal de Cascais, agredido no Estoril.

—Deu entrada o cadáver de António Ramos, 32 anos, residente na Azinhaga de Cabo Ruivo, 7, que se suicidou por enforcamento.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Lisboa.—Reúne hoje a assembleia geral, pelas 21 horas, na sede rua dos Fanqueiros, 30, 2.º Roga-se a comparência de todos os sócios em virtude da importância dos assuntos a tratar.

MOVIMENTO MARITIMO

Entradas em 13

Vapor inglês "Anselm", de Liverpool.

Saídas

Escuna motor americana "Edith Nute", para New York; lugre português "Lusitânia", para Londres; vapor marroquino "Menkes", para Bordeus; lugres franceses "Alcyon", para S. Pierre; "Fleiro", para Bordeus e "Galia", para S. Pierre et Miquelon; vapor inglês "Travilley", para Buenos Aires e vapor italiano "Onória", para Rouen.

Em país conquistado

O nosso joven camarada, das Juventudes Sindicalistas, Joaquim António Pereira, saíu ontem do cruzador *Almirante Reis*, onde esteve detido uns dias, nem sabe ainda porque delito, porquanto a nenhum interrogatório foi submetido. Foi pois, como diziamos, pôsto ontem em liberdade, após nove dias de cativeiro. A' noite dirigiu-se ao Café Marcial, da rua Fernandes da Fonseca, e quando lá socegadamente conversava com alguns amigos, foi abordado por um grupo de três indivíduos, entre os quais vinha um marinheiro, vestido à paisana, que lhe deu voz de prisão, convidando-o a saír à rua, bem como aos camaradas que com êle estavam. Saíram, perante esta intimação, que foi repetida três vezes em furiosa berraria, três camaradas, a quem o grupo conduziu até à rua do Amparo, junto à praça da Figueira. Ali mandou o marinheiro em liberdade os dois camaradas que acompanhavam Joaquim António Pereira, só êste ficando à mercê dos seus captores, cuja identidade e poderes ainda se não pôde averiguar. Foi êste nosso camarado insultado, esbofeteado, ameaçado de levar um tiro na cabeça, e só cabo de várias scenas cujo carácter fácil é avaliar, foi deixado em paz, com escoriações na parte interna da face.

Não é necessário comentar por agora o facto. Os comentários talvez as vítimas o façam. Por emquanto soma e segue.

Os que roubam fóra da lei

Foram presos João Alegria Pereira, pátio de D. Fradique, por furtar uma pistola do posto de socorros do govêrno civil; Manuel Henrique, largo de S. Miguel, 4, 2.º, por furtar uma peça de flanela de lã, no valor de 30$00, dos armazens da exploração do pôrto de Lisboa; Custódio da Fonseca, pátio do Quintinha, ao Beato, e Alvaro Ribeiro, rua do Açúcar, por furtarem a José Pinto Pardal, rua do Açúcar, 12, objectos no valor de 55$00.

—Queixou-se à polícia Artur Menezes, rua do Convento da Encarnação, 16, 2.º, de que, por arrombamento, furtaram da sua residência objectos no valor de 30$00.

—Foi enviada para juizo Laurinda da Conceição Araujo, rua Possidónio da Silva, vila Fernandes, 6, acusada por Laura de Sousa Oliveira, travessa da Espera, 50, 2.º, de lhe ter furtado várias peças de roupa no valor de 42$50.

—Estiveram ontem no govêrno civil várias pessoas que reconheceram o gatuno Francisco Pimentel, o "Fantomas Português", como sendo o autor de vários furtos, estando encarregado das investigações um agente da 1.ª secção.

NO MUNDO OFICIAL

JUSTIÇA

A pedido do senador dr. Alfredo Portugal, chefe do gabinete do ministro da justiça, foram mandados iniciar os trabalhos para a construção de um cais na margem esquerda do rio Tejo, na Amieira.

—Foi para o *Diário do Govêrno* um decreto contendo matéria inteiramente nova no nosso país. Dá às mulheres o direito de fazerem parte das instituições populares, como procuradoras em juizo e de serem eleitoras e elegíveis para o juri comercial, quando se dediquem ao comércio.

—Foi determinado que aos condenados, nos termos do § único do artigo 129.º do código penal que permanecerem nas cadeias civis, em vez de entrarem em seguida no trânsito em julgado da respectiva sentença de condenação na cadeia nacional de Lisboa—antiga Penitenciária—ou de seguirem para o degrêdo, deve contar-se-lhes o tempo em que permanecerem nas cadeias civis como tempo de prisão com trabalho na cadeia nacional ou de degrêdo.

—Foi noticiado que haviam sido assinados dois decretos pela pasta da justiça, um de protecção aos menores delinqüentes e desamparados, e outro alterando o regime prisional. O ministro da justiça, em vista da competência que o padre António de Oliveira tem em assuntos de assistência a menores, vai pô-lo à frente de todos os serviços relativos aos delinqüentes e desamparados, assim como vai confiar ao dr. Rodrigo Rodrigues o cargo de administrador das cadeias civis, atendendo aos seus conhecimentos de serviços prisionais e aos estudos de valor, sôbre criminalogia, a que tem procedido.

—Vão ser publicados os seguintes decretos pela pasta da justiça: alterando várias disposições do serviço do notariado e a respectiva tabela; alterando também várias disposições dos serviços das conservatórias do registo predial e a tabela que lhes pertence; revogando alguns diplomas do dezembrismo, referentes à exportação do ouro e à lei do divórcio, etc.

INSTRUÇÃO

Foram postas a concurso as escolas femininas de Cambezes, concelho de Barcelos, e de Lardosa, Castelo Branco, e mista de Sardanelu, freguesia de Pombeiro, Arganil.

—Foi nomeada professora da escola n.º 16 do Pôrto, a sr.ª D. Eulália de Lemos Correa.

—Foram assinados os decretos nomeando José Dias dos Santos Coelho e Abílio Gaspar Madeira, respectivamente, oficial e amanuense interinos da secretaria do liceu feminino de Coimbra; colocando em comissão nos liceus de Passos Manuel e de Garrett, respectivamente, os professores Francisco Lopes Vieira de Almeida, do liceu de Beja, e Augusto dos Reis Machado, do da Guarda.

TRABALHO

Vão ser submetido à apreciação do ministro do trabalho os projectos de regulamentação elaborados pelo inspector sanitário do trabalho, dr. Manuel de Vasconcelos, relativos à higiene e salubridade dos estabelecimentos industriais e às industrias insalubres, perigosas, tóxicas, etc.

—Os srs. dr. Ramos de Paiva e Virgílio Costa, instaram com o ministro do comércio e interino do trabalho pela concessão de um subsídio para a assistência pública no concelho de Manteigas.

OS QUE MORREM

FUNERAIS

Realizam-se hoje os seguintes:

De Izias dos Santos e de D. Leocadia Lopes, às 16, do hospital do Rêgo; de D. Eugénia Maria Pais de Oliveira, às 10, da rua Rodrigues Sampaio, 250; de Manuel José Fernandes Cleto, às 16, do Arco Carvalhão, 4; de Frederico José Vicente, às 17, da egreja de Benfica; de Francisco Antunes, às 11, do Albergue dos Inválidos do Trabalho; de D. Augusta dos Santos, às 15, do pátio de S. Vicente, 11; de José Maria dos Santos, às 15, da rua de S. Sebastião da Pedreira, 242; de D. Eugénia Pais de Oliveira, às 10, da Avenida da Liberdade, 226; de Joaquim Cardoso Ferreira, às 16; do hospital do Rêgo; de António da Silva Vilar, às 15, da calçada do Castelo Picão, 42; de D. Brites Quaresma, às 11, da rua da Imprensa, J. M.; de D. Antónia Palmeiro Mota, às 15, da rua das Pedras Negras, 55.

—Faleceu, vitimado por uma pneumonia dupla, o camarada António Maria da Silva (Vilar), vendedor de jornais, morador na calçada do Castelo Picão, 42, 1.º.

O seu funeral realiza-se hoje, às 15 horas, saindo daquela morada para o cemitério oriental, sendo o acompanhamento a pé.

OBITUÁRIO

Cadáveres inumados no dia 11 no cemitério oriental:

Guilhermina Guimarães, 60 a.; Joaquim Durão, 46 a.; Acúrcio Azevedo Leitão, 67 a.; Maria Emília Morais, 51 a.; Maria do Rosário Pereira, 40 a.; Francisco Duarte, 45 a.; Manuel Maria, 2 meses; José Ferreira da Silva, 54 a.; José Antunes, 43 a.; Vitória Gomes de Almeida, 28 a.; Manuel Monteiro da Silva, 2 a.; Júlio Lopes dos Santos, 28 a.; Agostinho Nunes, 70 a.; Maria das Dôres Conrado, 68 a.; Maria da Conceição Fortes, 41 a.; Etelvina Lopes dos Santos, 21 a.; Rosa da Assunção Rodrigues, 56 a.; Francisco Nunes Soares Carregador, 41 a.; Feto do sexo masculino; Justo Lopes, 30 a.

Cadáveres inumados no dia 12 no cemitério ocidental:

Carlota Emília C. Lima, 82 a.; Maria Cândida S. Marques, 74 a.; António José Gomes, 75 a.; Um feto do sexo masculino; Alfredo Lourenço de Sá 51 a.; Deolinda M. Rodrigues, 25 a.; Américo de Oliveira, 14 a.; Maria Amigo Gonzales, 18 a.; Abílio Pereira C. e Silva, 56 a.; Adolfo José C. Mendes, 22 a.

CAMBIOS

	COMP.	VEND.
Cheque sôbre Londres	31	30 3/4
90 d/v.	31 5/8	—
Cheque sôbre Paris	264	270
» Suiça	325	355
» Bélgica	—	—
» Itália	210	230
» Holanda	655	665
» Madrid	350	340
» New-York	1640	1680
Cambio-Rio s/Londres	—	—
Madrid s/Londres	—	—
Paris s/	2905	—
Desconto Banco Inglaterra	5 0/0	—
» mercado livre	5 1/2	—
» do Banco França	5 0/0	—
» Banco de Portugal	5 1/2	—
Libras	8$90	9$10
Agio do ouro	95 0/0	105 0/0

TEATROS & CINEMAS

Festas artísticas

E' já depois de àmanhã que a inteligente actriz Raquel Barros realiza naquele teatro a sua festa de escritura com a primeira representação da "reprise" da opereta "Dama Roxa", desempenhando o principal papel.

Reclames

Prossegue hoje no Trindade, para dar as últimas representações nesta temporada, a lindá peça "Os Pirangas" talvez a que do repertório do Trindade possuia, como o público sabe, mais inspirada partitura.

Agradou plenamente no teatro do Ginásio a "réprise" da comédia "O bode expiatório".

Hoje não há espectáculo no S. Luís, para se fazer o ensaio geral da nova peça em 3 actos "Sol de abril", original de Eduardo Schwalbach, e que sobe à scena àmanhã, em 7.ª e última récita de assinatura.

—"O noivado do sepulcro" é, sem dúvida alguma, a mais graciosa das peças. Hoje repete-se, no Avenida, começando o espectáculo às 9 1/4.

—A récita do camaroteiro Pinhão, que se realiza esta noite, no Eden, apresenta-se repleta de atractivos. Além da reprise da revista "A Traulitânia" irá à scena, em 2.ª representação desta época, a [illegible] "Sonho de valsa".

Noticias

Mais uma estreia nos dá hoje o Salão Foz: os insignes acrobatas cómicos Piter que teem números muito originais e de êxito seguro. Amanhã, festa artística da completista Conchita Ulia e sexta feira despedida e adeus a Lisboa.

Sábado, estreia da notável artista Angelina Maldonado, figura de alto relêvo no pois vizinho, onde gosa de justificado prestígio. Segunda feira estreia de uma das maiores notabilidades da actualidade.

CARTAZ DO DIA

TRINDADE—A's 21,15.—"Os Pirangas" peça de viagens.

GINASIO—A's 21,15—"O bode expiatório".

AVENIDA—A's 21—"O noivado do sepulcro", farça.

POLITEAMA—A's 21,15—"O Amor Perfeito", opereta.

EDEN—A's 21—Récita do camaroteiro Pinhão. "Reprise" de "A Traulitânia" (revista) e 2.ª representação do "Sonho de Valsa" (opereta).

APOLO—A's 21,15—"A Princesa Magalona".

SALÃO FOZ—A's 20 horas—Estreia de "PITER'S"; Conchita Ulia e Trio Sibaritas.

OLIMPIA—Animatógrafo e concêrto.

CINEMA CONDES—Animatógrafo e concêrto.

SALÃO DA TRINDADE—Variedades e animatógrafo.

CHIADO TERRASSE—Animatógrafo e concêrto.

CHANTECLER—Animatógrafo e fitas faladas.

SALÃO DOS ANJOS—A's quintas, sábados e domingos—Revista e animatógrafo.

SALÃO DA PROMOTORA—Aos domingos, segundas e quintas.

N.º 79 de A BATALHA Folhetim N.º 2

REGENERAÇÃO

romance social

POR

CUNHA E MENDONÇA

PRIMEIRA PARTE

Tentativa e luta

I

António também começara a sua vida no comércio, não como caixeiro, mas como sócio de uma casa de fazendas e armarinho na cidade da Baía, empregando o capital de cincoenta contos de réis que herdara do pai. Curta, porém, foi essa fase. Em poucos anos a casa abria falência, arrastando a fortuna do joven e inexperiente comerciante. Para êsse resultado tinha concorrido principalmente a sua índole refractária à especulação que, segundo os comercialistas, é a alma da vida mercantil. Já nesse tempo casado, apesar de ter apenas 23 anos de idade, António lutou com terríveis obstáculos para voltar ao seu torrão natal. O sócio, entretanto, obtinha meses depois a sua reabilitação legal e abria em seguida uma grande casa de comissões e consignações, encontrando franco crédito na praça e vindo a ser pouco depois membro influente e logo presidente da Associação Comercial, onde o seu génio mercantil era decantado pela roda dos negociantes, que o apontavam como modêlo dos que se propunham galgar rápidamente os degraus da opulência.

Voltemos, porém, ao nosso herói. Chegando à sua cidade provinciana, ficou ela nessa difícil situação de um homem que tem família e não possue meios de provê-la das mais imperiosas necessidades. Foi por êsse tempo que o seu espírito adquiriu